

USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS E A VULNERABILIDADE ÀS IST/HIV ENTRE MULHERES DE AGLOMERADO SUBNORMAL*

Smalyanna Sgren da Costa Andrade¹, Ana Carolina Almeida Pereira², Maria Jaciane Silva Pontes³, Rayanne Evenlly Dos Santos Lima⁴, Simone Helena dos Santos Oliveira⁵.

* Recorte da pesquisa de Dissertação de Mestrado intitulada: “Mulheres solteiras e casadas e o uso do preservativo”. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal da Paraíba. 2014.

¹ *Docente do Curso de Graduação de Enfermagem da Faculdade de Enfermagem Nova Esperança e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: smalyanna@hotmail.com*

² *Acadêmica do Curso de Graduação de Enfermagem da Faculdade de Enfermagem Nova Esperança. João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: carolinaalmeidajp@gmail.com*

³ *Acadêmica do Curso de Graduação de Enfermagem da Faculdade de Enfermagem Nova Esperança. João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: jacianef2@hotmail.com*

⁴ *Acadêmica do Curso de Graduação de Enfermagem da Faculdade de Enfermagem Nova Esperança. João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: evenlly22@gmail.com*

⁵ *Doutora em Enfermagem e Docente da Escola Técnica de Saúde e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: simonehsoliveira@gmail.com*

RESUMO

A utilização de substâncias psicoativas é algo presente na modernidade com elevada frequência. Este estudo objetivou verificar a prática do sexo inseguro sob influência do uso de substâncias psicoativas. Trata-se de inquérito domiciliar, de corte transversal e abordagem quantitativa. A população foi constituída por mulheres maiores de 18 anos, que tiveram iniciação sexual, residentes em aglomerado subnormal do município de João Pessoa-PB. Para a análise descritiva foi utilizado o programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 20.0. A maioria das entrevistadas possuía idade superior a 35 anos, desempregada, procedente da capital paraibana, católica, com ensino fundamental, parda, casada ou em união estável e com rendimento de um salário mínimo. Neste estudo, 234 (78%) participantes alegaram ter consumido álcool em pelo menos um episódio da vida. Em relação ao uso de drogas ilícitas, 36 (12%) mulheres já utilizaram algum tipo de substância psicoativa ilegal. Ainda, 263 (87,66%) mulheres concordaram que o uso de álcool ou drogas poderia influenciar na prática do sexo sem camisinha e 60 (22,81%) já praticaram sexo sob efeito de substância psicoativa. Os profissionais de saúde devem traçar estratégias voltadas a esta problemática para reduzir a vulnerabilidade às IST/HIV.

Palavras-chave: Mulheres, Infecções Sexualmente Transmissíveis, Vulnerabilidade em Saúde.

INTRODUÇÃO

A utilização de Substâncias Psicoativas (SPA) é algo que está presente em nosso meio há bastante tempo. Em períodos passados, utilizava-se como um costume social entre a população, auxiliando no processo de integração, através de cerimônias, rituais e festividades. Atualmente, com o aumento do consumo e dos problemas sociais devido ao uso abusivo, alterações das composições e o aparecimento de novas substâncias, esse crescimento repercute e desenvolve-se em vários cenários e segmentos da sociedade de maneira negativa (ALMEIDA et al., 2014).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), as drogas são quaisquer substâncias não geradas pelo organismo, que provocam alterações nos indivíduos, atingindo um ou mais sistemas, causando mudanças no desempenho individual, sejam cognitivos, comportamentais e/ou fisiológicos. As SPA são aquelas que produzem efeitos no Sistema Nervoso Central (SNC), repercutindo em modificações das atividades, aumentando as percepções e se constituindo como estimulante depressor desse sistema (BRASIL, 2014).

Alguns exemplos de SPA são: álcool, nicotina, anfetaminas, êxtase, barbitúricos, cocaína, maconha, entre outros (SICAD, 2018). Essas substâncias provocam inúmeros efeitos prejudiciais ao organismo. Com esse consumo exacerbado, o número de acidentes, violências, mortalidade, transtornos mentais, mudanças de humor, gravidez indesejada e exposição às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) podem aumentar (MALTA et al., 2014).

As IST são ocasionadas por vírus, bactérias e outros microrganismos, tendo como a principal forma de transmissão o ato sexual desprotegido. Elas podem ser transmitidas também durante o período gestacional e amamentação. De forma imediata, a IST mais temida, devido a não chance de cura é o HIV, sigla em inglês, do vírus da imunodeficiência humana, causador da aids (síndrome da imunodeficiência adquirida). A palavra “aids”, passou a ser escrita sem caixa alta há algum tempo, na intenção de reduzir o estigma ligado à doença. O vírus do HIV é transmitido pelo contato entre perfuros cortantes, contato sanguíneo e o sexo desprotegido (BRASIL, 2018).

As pessoas que fazem uso de SPA possui maior vulnerabilidade à contaminação por IST/HIV. Essa relação acontece devido a situações de risco em que esse público se insere. O compartilhamento de seringas e agulhas na utilização de algumas drogas, a dependência e a falta de recursos financeiros, faz com que essa população esteja exposta com maior frequência a situações de sexo desprotegido, no qual a troca de sexo por drogas é uma prática comum nesse cenário (BRASIL, 2017).

A combinação da utilização da SPA e o sexo desenvolve um comprometimento do julgamento da capacidade de praticar o sexo seguro (DIEHL et al., 2011). Geralmente, esse meio de transação ocorre sem adoção de medidas preventivas. Além disso, pode acontecer por falta de informações sobre a utilização e o acesso ao uso de preservativos ou não adoção das medidas preventivas por motivos e preferências, sejam eles pessoais ou relacionadas à parceria (OLIVEIRA; PAIVA; VALENTE, 2007).

As substâncias psicoativas acontecem de maneira distinta entre sexos, no qual o feminino está mais susceptível aos prejuízos desse consumo. As mulheres muitas vezes sofrem a grande influência por parte de seus parceiros, no que diz respeito à consciência do uso de preservativo. Outros fatores também estão associados, como: culturais, psicológicos, familiares e socioeconômicos (LOPES; REZENDE, 2014).

Segundo dados da *United Nations Office on Drugs and Crime* (UNODC), estima-se que $\frac{1}{4}$ de bilhão de pessoas entre 15 e 64 anos, utilizaram pelo menos um tipo de droga em 2014, no qual 43,5 mortes por milhão de pessoas entre essa faixa etária ocorreu nesse ano. A utilização de drogas injetáveis alcança a marca de 12 milhões de pessoas no mundo (UNODC, 2016).

Sobre o HIV, em 2016, conforme dados da *Joint United Nations Programme on HIV/ AIDS* (UNAIDS) 36,7 milhões de pessoas vivem com o HIV, atingindo a população feminina em 17,8 milhões casos. Evidenciou ainda que o surgimento de novas infecções em todo o mundo alcançou no ano de 2016, cerca de 1,8 milhões de pessoas infectadas (UNAIDS, 2017).

De acordo com o Ministério da Saúde, em âmbito nacional, a estimativa das IST e HIV são de aproximadamente 718 mil pessoas acometidas com a doença. Foram notificadas na última década, cerca de 37.446 mil casos de aids/ano. Em casos notificados pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), obteve o total de 136.945 mil pessoas diagnosticadas no ano de 2007 a 2015, no qual as mulheres corresponderam a 44.766 mil casos nesse período (BRASIL, 2017). As IST, a cada ano, acometem uma grande quantidade de pessoas mundialmente (OLIVEIRA et al., 2015; ARAGÃO et al., 2016).

O uso de drogas está presente em massa nas comunidades/aglomerados, os quais são vulneráveis socialmente, devido a problemas sociais, econômicos, criminalidade, desagregação de família, entre outros, fazendo com que estejam em maior exposição às drogas e ao impacto decorrente do seu uso. É necessário cada vez mais ações de políticas públicas, voltadas à promoção, prevenção e tratamento (REIS; UCHIMURA; OLIVEIRA, 2013).

Os profissionais da Enfermagem tornam-se aliados frente ao desenvolvimento de ações e implementações, devido ao fato de possuir maior contato com a população, viabilizando a abordagem e identificação dos problemas de pessoas em vulnerabilidade, atuando como norteadores no processo do cuidar, em busca da redução dos malefícios, ocasionados pela utilização abusiva das SPA (REIS; HUNGARO; OLIVEIRA, 2014).

Considerando a prevalência do uso de substâncias psicoativas em todo o mundo, bem como a vulnerabilidade frente à contaminação por doenças sexuais, esta proposta foi norteada pelo seguinte questionamento: O uso de substâncias psicoativas pode estimular o sexo desprotegido? Assim, esta proposta objetivou verificar a prática do sexo inseguro sob influência do uso de substâncias psicoativas.

METODOLOGIA

Trata-se de inquérito domiciliar, de corte transversal e abordagem quantitativa. A população foi constituída por mulheres maiores de 18 anos, que tiveram iniciação sexual, residentes em aglomerado subnormal do município de João Pessoa-PB. O local possui ocupação desordenada, precariedade de moradias, áreas de risco ambiental e apenas uma avenida principal.

A partir dos dados disponibilizados pelo Sistema de Informação Básica (SIAB) da Secretaria Municipal de Saúde, estimou-se estatisticamente que a população-alvo seria de, aproximadamente, 3200 mulheres cadastradas na Unidade Integrada de Saúde da Família local. O tamanho da amostra foi calculado com base em margem de erro de 5% (Erro = 0,05) com $\alpha = 0,05$ ($Z_{0,025}=1,96$) e considerando a proporção verdadeira de mulheres que utilizam o preservativo como forma de prevenção como sendo 23% ($p = 0,23$). Esse último dado remete à enquete realizada pelos pesquisadores. O cálculo utilizou uma amostra de 251 mulheres. Diante da viabilidade de entrevistar um contingente maior, o *n-amostral* foi ampliado para 300 participantes.

A estrutura operacional utilizada para a coleta de dados foi o *Plano de Amostragem Sistemática*, que consiste em retirar elementos da população em intervalos regulares, as mulheres entrevistadas foram selecionadas a partir da rua principal. Escolheu-se a primeira casa da avenida (sentido oeste/leste) em que residisse pelo menos uma mulher que atendesse aos critérios de inclusão, para ser o ponto de partida das entrevistas. O inquérito domiciliar ocorreu entre junho e agosto de 2013, com o acompanhamento dos agentes comunitários de saúde (ACS), atendendo a todas as micro áreas da Unidade Integrada de Saúde da Família.

O instrumento de coleta de dados aplicado com auxílio dos ACS consistiu em formulário de entrevista contendo caracterização sociodemográfica, hábitos de vida, histórico sexual/reprodutivo, bem como perguntas envolvendo conhecimento, atitude e prática (CAP) acerca do uso do preservativo adaptado dos modelos de inquérito CAP na população brasileira quanto às IST e HIV. Para este estudo, utilizou-se a primeira parte do questionário, englobando apenas os fatores relacionados ao uso de drogas lícitas e ilícitas.

A análise descritiva ocorreu com o auxílio do programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 20.0. O desenvolvimento do estudo atendeu às normas nacionais e internacionais de ética em pesquisa envolvendo seres humanos. Foram realizadas orientações às participantes quanto à finalidade da pesquisa, garantia de sigilo, direito de desistência em qualquer fase do estudo e a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde, sob protocolo nº 0251 e CAAE nº 14726213.3.0000. 5188.

RESULTADOS

A caracterização das mulheres residentes em aglomerado subnormal foi maioria com idade superior a 35 anos, desempregada, procedente da capital paraibana, católica, com ensino fundamental, parda, casada ou em união estável e com rendimento de um salário mínimo.

Neste estudo, 234 (78%) participantes alegaram ter consumido álcool em pelo menos um episódio da vida, o que é uma quantidade consideravelmente elevada. Em relação ao uso de drogas ilícitas, 36 (12%) mulheres já utilizaram algum tipo de substância psicoativa ilegal. Ainda, 263 (87,66%) mulheres concordaram que o uso de álcool ou drogas poderia influenciar na prática do sexo sem camisinha.

Na tabela 1, essas 263 mulheres estão distribuídas segundo a ocorrência ou não desse efeito em sua vida sexual.

Tabela 1: Prática do sexo sem camisinha influenciado pelo consumo de álcool e/ou drogas ilícitas. João Pessoa, Paraíba, 2014 (n=263).

Variáveis	F	%
Praticou	60	22,81
Não praticou	203	77,19%

DISCUSSÃO

As mulheres enquadradas no estudo eram casadas ou viviam em união estável. A não adoção da camisinha por mulheres condizentes com este perfil nacional transformou-se em ato comum. A evolução da epidemia foi modificando ao passar do tempo. Na primeira fase, no início das descobertas, a principal forma de transmissão era a via sexual, através do sexo de homens com homens, posteriormente veio à fase em que as drogas injetáveis se configurou como importante forma de transmissão. No fim dos anos 90, até os dias atuais, no caso das mulheres, a transmissão sexual, principalmente entre as heterossexuais, foi a principal maneira de contaminação entre o público feminino (FIGUEIREDO et al., 2013).

Conforme o autor supracitado, a vulnerabilidade entre as mulheres pode está ligada às questões de gênero, opressão, falta de escolhas ou autonomia, submissão social ou ainda, à obrigação sexual na função de esposas.

A utilização dos preservativos é a principal forma de prevenção e o único método que possui dupla proteção, mostrando eficácia para evitar gravidez não planejada, bem como IST/HIV (GODOI; BRÊTAS, 2015). A tabela 1 demonstrou que boa parte da população analisada não praticou sexo sem camisinha, após utilização de álcool e/ou drogas ilícitas. Ainda assim, 60 (22,81%) mulheres não utilizaram o preservativo em suas relações sexuais, demonstrando que embora a prevalência tenha sido menor, ainda existiam mulheres em condição de vulnerabilidade às IST/HIV.

Apesar de não ter havido associação entre as variáveis, o percentual de mulheres (87,66%) que concorda, que abuso de álcool pode estimular o não uso do preservativo nas relações sexuais é considerável, levando a inferir que esta opinião possa influenciar o comportamento indicado na tabela 1.

O álcool é uma das substâncias mais consumidas em todo mundo, e de maior acessibilidade, o que acaba por facilitar a ingestão entre as mulheres. De acordo com dados do I Levantamento Nacional Sobre os Padrões de Consumo e Álcool, na população brasileira, o consumo acima dos 18 anos é de até 34% (DIEHL et al., 2011). As pessoas que consomem com regularidade, o faz pelo menos uma vez por mês. Segundo dados do Objetivo do Desenvolvimento Sustentável (ODS), o consumo mundial de álcool, em 2016, foi de 6,4 L de álcool puro por pessoa, com 15 anos ou mais (CISA, 2017).

Essa prática de consumo das SPA é algo que se torna rotineira e acostumável. A busca pelo prazer através da droga é evidenciado na comunidade científica, que mostra a problemática desde o período da adolescência, cujos jovens sofrem grandes influências por parte de amigos. O descobrimento de um novo mundo, da sexualidade e da curiosidade pode direcionar o jovem ao envolvimento com essas substâncias o que pode perpetuar durante toda a sua trajetória de vida, caso não haja tratamento ou educação em saúde para redução dos riscos (KOHLER; MASSUQUETO, 2017).

No que tange à utilização da camisinha, as mulheres saudáveis podem se subjugar-se à posição de vulnerável, devido à não percepção de risco ao contágio, devido à parceria fixa e estável (ANDRADE et al., 2015). Além disso, a utilização de métodos contraceptivos para prevenção de gestação não planejada traz a ideia de que não seja necessária a utilização do preservativo para prevenção de doenças, pois a confiança no parceiro pode dar a falsa sensação de segurança, nos casos em que haja infidelidade. As mulheres barreiras na conciliação do uso do preservativo, tornando-se inseguras durante a solicitação do insumo ao parceiro. Além disso, o sexo sob efeitos alcoólicos e de substâncias psicoativas pode favorecer a desproteção e a aquisição de doenças sexuais (DIEHL et al., 2011).

CONCLUSÃO

O estudo identificou a prevalência de mulheres que realizaram sexo desprotegido sob o efeito de álcool, em algum momento da sua vida. Apesar de os resultados demonstrarem um percentual inferior ao esperado, ficou claro que ainda existem mulheres que se submeteram à relação sexual sem uso da camisinha, aumentando a sua vulnerabilidade às IST/HIV.

A não realização de análise inferencial, com uso de testes de associação, para verificação da relação entre mulheres que concordavam que o uso do álcool influencia no sexo desprotegido e àquelas que, de fato, fizeram sexo sem preservativo, constitui-se limitação desta pesquisa. Ademais, os dados sugerem que os profissionais de saúde fiquem atentos ao percentual mínimo de mulheres que praticam sexo sob efeito de SPA, podendo traçar estratégias eficazes à redução dos ciclos de contaminação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. A. et al. Perfil dos usuários de substâncias psicoativas de João Pessoa. **Revista Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 102, p. 526-538, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v38n102/0103-1104-sdeb-38-102-0526.pdf>>. Acesso em: 01 mai. 2018.

ANDRADE, S. S. C. et al. Conhecimento, atitude e prática de mulheres de um aglomerado subnormal sobre preservativos. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 49, n. 3, p. 364-372, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v49n3/pt_0080-6234-reeusp-49-03-0364.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2018.

ARAGÃO, J. S. et al. Vulnerability associated with sexually transmitted infections in physically disabled people. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 21, n. 10, p. 3143-3152, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v21n10/en_1413-8123-csc-21-10-3143.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2018.

BRASIL. **Efeitos de substâncias psicoativas: módulo 2.** – 7ª Ed. – Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2014. 144 p. – (SUPERA: Sistema para detecção do Uso abusivo e dependência de substâncias Psicoativas: Encaminhamento, intervenção breve, Reinserção social e Acompanhamento / coordenação [da] 7ª Ed. Maria Lucia Oliveira de Souza Formigoni). Disponível em: <https://www.supera.senad.gov.br/wp-content/uploads/2016/03/SUP7_Mod2.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico: HIV/AIDS 2017.** Secretaria de Vigilância em Saúde, Ministério da Saúde. 2017. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/boletim-epidemiologico-hivaids-2017>>. Acesso em: 02 mai. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Cinco passos para a prevenção combinada ao HIV na Atenção Básica.** Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/AIDS e das Hepatites Virais. – Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de vigilância, prevenção e controle das IST, do HIV/Aids e das hepatites virais. O que é HIV. 2018. Disponível: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-e-hiv>>. Acesso em: 01 mai. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de vigilância, prevenção e controle das IST, do HIV/Aids e das hepatites virais. O que é IST. 2018. <<http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-sao-ist>>. Acesso em: 01 mai. 2018.

CISA – Centro de Informações sobre Saúde e Álcool. Estatísticas mundiais de saúde. 2017. Disponível em: <<http://www.cisa.org.br/artigo/8300/estatisticas-mundiais-saude-2017.php>>. Acesso em: 06 mai. 2018.

DIEHL, A. et al. **Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas.** 1ª Ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 2011. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?id=drgLBAAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 01 mai. 2018.

FIGUEIREDO, L. G. et al. Percepção de mulheres casadas sobre o risco de infecção pelo hiv e o comportamento preventivo. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 21, esp. 2, p. 805-811, 2013. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v21esp2/v21e2a18.pdf>>. Acesso em: 06 mai. 2018.

GODOI, A. M. L.; BRÊTAS, J. R. S.; A prática do sexo seguro no cotidiano de adolescentes. **Revista da Sociedade Brasileira de Enfermeiros Pediatras**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 114-123, 2015. Disponível em: <https://sobep.org.br/revista/images/stories/pdf-revista/vol15-n2/vol_15_n_2-artigo-de-pesquisa-5.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2018.

KOHLER, G.; MASSUQUETO, S.; Estigma da prostituição no uso de substâncias psicoativas versus doenças sexualmente transmissíveis: Revisão integrativa. **Unoesc e Ciência – ACBS**, Joaçaba, v. 8, n. 1, p. 51-58, 2017. Disponível em: <<https://editora.unoesc.edu.br/index.php/acbs/article/viewFile/12551/pdf>>. Acesso em: 06 mai. 2018.

LOPES, A. P.; REZENDE, M. M.; Consumo de substâncias psicoativas em estudantes do ensino médio. **Psicologia: teoria e prática**, v. 16, n. 2, p. 29-40, 2014. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v16n2/03.pdf>>. Acesso em: 03 mai. 2018.

MALTA, D. C. et al. Psychoactive substance use, family context and mental health among Brazilian adolescents, National Adolescent School-based Health Survey (PeNSE 2012). **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 17, supl. 1, p. 46-61, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbepid/v17s1/1415-790X-rbepid-17-s1-00046.pdf>>. Acesso em: 01 mai. 2018.

OLIVEIRA, J. F.; PAIVA, M. S.; VALENTE, C. M. L.; A interferência do contexto assistencial na visibilidade do consumo de drogas por mulheres. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 2, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v15n2/pt_v15n2a09.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2018.

OLIVEIRA, T. M. F. et al. Risk behavior and self-perceived vulnerability to STIs and AIDS among women. **Revista de Enfermagem UFPE**, Recife, v. 10, n. 1, p. 137-142, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/10931/12223>>. Acesso em: 02 mai. 2018.

REIS, L. M.; HUNGARO, A. A.; OLIVEIRA, M. L. F.; Public policies for confronting the use of illicit drugs: social perception in a community. **Texto e contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 23, n. 4, p. 1050-1058, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v23n4/0104-0707-tce-23-04-01050.pdf>>. Acesso em: 03 mai. 2018.

REIS, L. M.; UCHIMURA, T. T.; OLIVEIRA, M. L. F.; Socioeconomic and demographic profile in a vulnerable community to the use of drugs of abuse. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 276-282, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v26n3/en_12.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2018.

SICAD. Serviços de intervenção nos comportamentos aditivos e nas dependências. Substâncias psicoativas. 2018. Disponível em:
<<http://www.sicad.pt/PT/Cidadao/SubstanciasPsicoativas/Paginas/default.aspx>>. Acesso em: 01 mai. 2018.

UNAIDS. Resumo Informativo – Dia Mundial contra a aids. Estatísticas globais sobre HIV. 2017. Disponível em: <https://unaids.org.br/wp-content/uploads/2017/12/UNAIDSBR_FactSheet.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2018.

UNODC - United Nations Office on Drugs and Crime. World Drug Report. United Nations, New York, 2016. Disponível em:
<http://www.unodc.org/doc/wdr2016/WORLD_DRUG_REPORT_2016_web.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2018.